



EBI - Daniel 1 - Quatro Jovens Recebem Uma Espécie de Bolsas de Estudo

*Elaborado pela equipa de assessores do GBU para o EBU '24

Introdução

O estudo do livro de Daniel é um clássico nos movimentos da *International Fellowship of Evangelical Students* (a rede de GBUs internacional) que encontram na experiência de Daniel e dos seus colegas na Babilónia uma espécie de “primeiro GBU da história”. Afinal, tratava-se de um grupo de jovens, tementes a Deus, que, num contexto antagónico à sua fé, no meio de pressões culturais e fés concorrentes, são instruídos na ciência e na língua dos babilónios (1:3). Será que a experiência dos cristãos que passam pelas universidades contemporâneas não é semelhante a esta?

Daniel e os seus colegas israelitas foram levados para a Babilónia como prisioneiros na sequência da subjugação de Jerusalém pelo rei Nabucodonosor no reinado de Joaquim de Judá em 605 a. C. (cf. 2 Reis 24:1 e Jeremias 39). Terão feito parte de um primeiro grupo de israelitas levados à força para o exílio. Mais tarde seriam milhares de israelitas nesta condição, em particular todos os homens considerados importantes, nobres, artífices ou guerreiros (2 Reis 24:14-16) deixando apenas alguns pobres para cuidar das vinhas e dos campos (2 Reis 25:12).

Na Babilónia, o povo judeu ansiava pelo fim do exílio, pelo momento em que Deus interviria para restaurar Israel. Este é um dos grandes temas dos profetas desse período (designadamente Ezequiel) em linha com a grande promessa que ecoava a partir de Deuteronômio 30:1-3:

1 «Todas estas bênçãos e maldições, que coloquei diante de vós não de realizar-se. Quando estiverem dispersos pelas nações para onde o Senhor vos vai levar, tanto vocês como os vossos descendentes, não de refletir **2** e voltar-se novamente para o Senhor, vosso Deus, cumprindo com todo o coração e com toda a alma aquilo que hoje vos mando. **3** Então o Senhor, vosso Deus, acabará com o vosso exílio. Pelo amor que vos tem, voltará a juntar-vos de todos os povos, por onde vos tinha feito andar dispersos.

No contexto do exílio, era expectável, até compreensível, que os judeus tivessem uma atitude de desprezo, negligência e sabotagem para com a cultura e a sociedade da Babilónia. Surgiram até (falsos) profetas a anunciar que o livramento de Deus surgiria a curto prazo, pelo que não seria necessário que os judeus se ajustassem à vida naquele contexto. Mas o profeta Jeremias, cujo ministério atravessa todo aquele conturbado período em que o exílio se consolidou, deixa bem claro que essas

circunstâncias vão durar. Numa carta escrita a partir de Jerusalém e dirigida aos prisioneiros que Nabucodonosor tinha levado para a Babilônia, o profeta exorta-os, de forma surpreendente, a encarar o exílio como uma oportunidade de missão (Jer 29):

5 Construam casas para nelas habitarem; plantem hortas e comam do seu fruto. **6** Casem-se e tenham filhos. E que os vossos filhos e filhas se casem, tenham filhos eles também. Devem aumentar de número e não diminuir, nessa terra. **7** Trabalhem pelo bem das cidades para onde vos levaram cativos. Peçam ao Senhor por elas, porque se essas cidades prosperarem, a prosperidade será vossa também.

Trabalhar pelo bem das cidades que nos levaram cativos?! Pelo bem das cidades que destruíram as nossas cidades?! Pelo bem de uma sociedade pagã que despreza a Lei dada pelo nosso Deus?! Isto parece demasiado contra-intuitivo. Mas é este o desafio que o profeta Jeremias apresenta aos exilados, em nome do próprio Deus (v. 4).

Num contexto caracterizado por pressões culturais antagónicas e fés que concorrem com a nossa fé, deparamo-nos sempre com várias opções:

- rejeitar qualquer interação com as ideias e as práticas da cultura que nos é estranha;
- ceder às pressões, aceitando a outra cultura e sendo assimilados por ela sem preservar uma identidade distinta;
- trilhar um caminho de “fronteira”, discernindo aquilo que pode ser afirmado na outra cultura e as áreas em que pode haver harmonia e cooperação, sem deixar de identificar e até denunciar aquilo que essa cultura tem de destrutivo e incompatível com a identidade que nos é dada por Deus.

O exílio continua a ser uma metáfora válida para descrever a vida e missão cristãs num mundo que, na linguagem do apóstolo João, está sujeito ao poder do mal (1 João 5:19). A metáfora é válida no contexto da experiência universitária! Em princípio, ao contrário do caso de Daniel, o cristão universitário não é hoje levado à força para a Universidade. Mas pode experimentar uma forte sensação de exílio quando entra no mundo universitário que tem os seus próprios rituais, ritmos, temas, cultura e procedimentos. A Universidade é, em si mesma, um mundo novo. Uma Babilônia. E isto é ainda mais acentuado quando o estudante sai da casa e do ambiente em que cresceu e vive a experiência universitária numa nova cidade ou até num novo país. Pelo que também podemos certamente dizer que o estudante universitário se depara com a tentação de rejeitar absolutamente a interação com a cultura da Universidade ou, em sentido inverso, a tentação de ceder totalmente à pressão dessa cultura. Tal como aconteceu com os israelitas que estavam no exílio na Babilônia, o desafio do cristão universitário atual consiste em trabalhar para o bem dessa cidade peculiar que é a Universidade, interagindo com ela, escutando-a, discernindo o que tem de bom e de mau, preservando e afirmando ali a sua identidade cristã.

Num livro que traz uma reflexão sobre a experiência de exílio como uma imagem daquilo que é a caminhada cristã, Paul Williams, Diretor da Sociedade Bíblica Britânica, faz o seguinte diagnóstico daquela que é, muitas vezes, a nossa postura perante a ‘Babilônia’:

“Nós [pensamos que] não temos de nos integrar nem de formar comunidade porque em breve vamos embora. Desde que as coisas não nos afetem pessoalmente, nós não estamos preocupados em entender a história cultural nem a vida social, política e económica dos nossos vizinhos [ou colegas, ou professores]. Em última instância, esta mentalidade de ‘meros visitantes’ tem levado os cristãos a evitarem a sua chamada.”¹

Para corrigirmos este diagnóstico e correspondermos à nossa verdadeira vocação, Paul Williams afirma a necessidade de uma terceira via, pois a missão cristã não é compatível nem com a rejeição total da cultura da Babilónia [ou da Universidade] nem com a assimilação nessa cultura:

“... uma terceira forma de viver como estrangeiro numa terra estranha é viver como um embaixador. Um embaixador continua a ser um estrangeiro que pode até sentir saudades de casa, mas que vive sem ressentimento e sem que se sinta preso. Um embaixador não pode permanecer descomprometido face à cultura local, pois ele sabe que está a viver naquela terra estranha com um propósito. Ele foi enviado para lá. Ele tem um trabalho a cumprir. Ele tenta entender a história cultural dominante do seu local de destino, mas permanece completamente seguro na sua própria história... A chamada de Deus para os cristãos consiste nesta terceira via.”

Em que medida é que Daniel e os seus colegas enfrentaram este mesmo dilema há muitos séculos atrás? E como é que eles responderam? Como é que praticaram esta “terceira via”?

¹ Paul Williams, *Exiles on Mission: How Christians Can Thrive in a Post-Christian World*, Brazos Press, 2020.

Daniel 1 - Quatro jovens recebem uma espécie de bolsa de estudos

1 No terceiro ano do reinado de Joaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi cercar Jerusalém. **2** O Senhor permitiu que ele se apoderasse de Joaquim, rei de Judá, e de uma parte dos objetos sagrados do templo. Regressando à Babilônia, Nabucodonosor depositou esses objetos na sala dos tesouros do templo dos seus deuses.

3 O rei deu ordem a Aspenaz, chefe do pessoal da sua casa, para que escolhesse de entre os israelitas exilados alguns jovens da família real e da nobreza. **4** Esses jovens destinavam-se a servir na corte e, por isso, deviam ser de bom aspeto e sem defeito físico, inteligentes, bem-educados e instruídos. Aspenaz devia ensinar-lhes a ciência e a língua dos babilônios. **5** O rei também deu ordens para que a comida e o vinho que lhes eram servidos diariamente fossem os mesmos da casa real. E durante três anos deviam prepará-los, para entrarem ao serviço de Sua Majestade.

6 Entre os jovens escolhidos, encontravam-se Daniel, Hananias, Michael e Azarias, todos da tribo de Judá. **7** Porém Aspenaz, chefe do pessoal da casa real, pôs-lhes nomes diferentes: a Daniel pôs o nome de Beltechaçar; a Hananias, o de Chadrac; a Michael, o de Mechac; e a Azarias, o de Abed-Nego. **8** Daniel tomou a resolução de se manter fiel às regras de alimentação do seu povo e não queria tocar na comida e no vinho da corte. Por isso, pediu a Aspenaz que o dispensasse dessa alimentação. **9** E Deus fez com que o chefe do pessoal acolhesse Daniel com simpatia e benevolência. **10** Porém Aspenaz teve medo do rei e lembrou-lhes: «Foi o rei, meu senhor, que decidiu o que devem comer e beber. E se ele vê que ficam mais magros do que os outros da vossa idade, a minha vida fica em perigo, por vossa causa.»

11 Então Daniel foi ter com o encarregado que Aspenaz tinha nomeado para cuidar dele e dos seus três colegas Hananias, Michael e Azarias e pediu-lhe: **12** «Faça uma experiência connosco, durante dez dias. Dê-nos legumes para comer e água para beber. **13** No fim desses dez dias, compare-nos com os jovens que comem da ementa real e então decida segundo o resultado que encontrar.»

14 O encarregado concordou em fazer com eles a experiência, durante dez dias. **15** Ao fim deste prazo, verificou-se que os jovens tinham um aspeto mais sadio e robusto do que os que comiam da ementa real. **16** Por isso, o encarregado permitiu que continuassem a comer legumes, pondo de parte as comidas e bebidas que lhes eram destinadas. **17** Deus abençoou estes quatro jovens, dando-lhes sabedoria e conhecimento nas letras e ciências. E a Daniel deu o poder de interpretar visões e sonhos.

18 No fim dos três anos prescritos pelo rei, Aspenaz levou o grupo à presença de Nabucodonosor. **19** Ao falarem com Sua Majestade, Daniel, Hananias, Michael e Azarias impressionaram-no mais do que os outros. Por essa razão, ficaram diretamente ao serviço do rei. **20** Sempre que este lhes fazia uma pergunta ou apresentava um problema, os quatro jovens mostravam dez vezes mais conhecimento do que os outros magos e adivinhos de todo o seu reino.

21 E Daniel permaneceu na corte até ao primeiro ano do reinado de Ciro.

Perguntas de Observação :

1. Nabucodonosor ofereceu a estes estudantes uma excelente “bolsa de estudos”. Que tipo de regalias incluía?

2. Quando um império ganhava ascendente sobre outro povo podia seguir-se um de 3 fenómenos: subjugação total (incluindo escravatura, mas sabendo que isso causa ressentimento e semeia revoltas); eliminação total (o que implicava perda de mão de obra e de potenciais novos recrutas para o exército imperial); assimilação (procurando a integração e o aproveitamento dos recursos do povo dominado, incluindo os indivíduos mais capazes desse povo). Qual foi a opção escolhida por Nabucodonosor?

3. O que é que Daniel e os seus colegas Israelitas aceitaram fazer como parte do seu programa de estudos?
4. O que é que eles recusaram?
5. Qual é a nota deles quando chegam os “exames”? De acordo com o texto, de onde vem a capacidade extraordinária deles?

Perguntas de Interpretação :

1. Porque é que Daniel e os seus colegas terão aceitado fazer aquilo que, em certa medida, era um “curso de paganismo”?
2. Daniel e os seus colegas aceitaram nomes pagãos. O novo nome dado a Daniel, Beltechaçar, significa “Bel é o meu deus”. Não é nome que se ponha a um filho judeu! Será que Daniel, ao fazer esta cedência, deixou que a sua identidade fosse redefinida ou que o seu testemunho público fosse beliscado?
3. Seja pelas restrições alimentares da Lei judaica ou seja por algum voto específico que Daniel e os seus amigos tenham feito ou por alguma outra razão de fidelidade a Deus, estes decidiram-se por uma profunda restrição alimentar. Que impacto é que poderá ter tido esta afirmação pública da sua fé?

Recorda antes de responderes à próxima questão:

Jeremias 29: 5 Construam casas para nelas habitarem; plantem hortas e comam do seu fruto. **6** Casem-se e tenham filhos. E que os vossos filhos e filhas se casem, tenham filhos eles também. Devem aumentar de número e não diminuir, nessa terra. **7** Trabalhem pelo bem das cidades para onde vos levaram cativos. Peçam ao Senhor por elas, porque se essas cidades prosperarem, a prosperidade será vossa também.

4. Daniel e os seus amigos estavam a ser preparados para servir na corte, ou seja, para servir o Rei e a governação da Babilónia. Porque é que Deus queria que eles contribuíssem para essa governação “dando-lhes sabedoria e conhecimento nas letras e ciências”? (Se já conheces a restante história de Daniel podes responder com base nessa história, mas considera também Jeremias 29:5-7.)

Perguntas de Aplicação :

1. Imagina que tu e os teus colegas cristãos são como Daniel e os seus colegas levados para a Babilónia; que decisões é que teriam tomado relativamente aos estudos, aos alimentos e aos novos nomes?

2. a) O que é que na Universidade pode representar Nabucodonosor, os seus deuses pagãos, a sua comida e vinho, os seus novos nomes?

2.b) Como é que as escolhas destes estudantes israelitas te desafiam a lidar com esse lado “pagão” da Universidade e a ser fiel a Deus e à tua consciência perante Deus neste contexto?

Lê antes de responderes à próxima questão:

O texto de Daniel 1 leva-nos a pensar como é que os cristãos tendem a agir no mundo contemporâneo quando estão num ambiente cultural que causa tensão com a fé cristã. Podemos pensar no contexto de igreja, cristãos no ambiente de trabalho ou grupos de cristãos no contexto da Universidade - grupos do GBU! Fugimos do mundo e criamos “guetos” evangélicos? Aceitamos a comida e o vinho da corte (em sentido figurado)? Ou conseguimos trilhar um caminho de interação crítica com a cultura, aceitando coisas boas e rejeitando as menos boas?

3. Pensando no exemplo destes quatro estudantes, achas que Deus hoje ainda quer abençoar os cristãos para contribuírem para o bem das Babilónias atuais, quer seja a Universidade, enquanto estudantes, quer seja a sociedade ao longo das suas carreiras profissionais? De que forma é que tu podes fazer isso na Universidade hoje? E com a profissão que almejas ter depois?